

Linha de negociação poderá mudar

William Waack

Brasília — Políticos, diplomatas e técnicos de níveis diversos estavam entregues ontem ao mais novo jogo de adivinhação em Brasília: quem vai mandar mais na recém-formada Comissão de Negociação da Dívida Externa, o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, ou o embaixador extraordinário, Saraiva Guerreiro? Dependendo de quem for, não só o estilo mas principalmente as linhas da negociação serão alteradas.

No Ministério da Fazenda, a Comissão de Negociação ainda não foi totalmente digerida. Assessores do ministro Funaro acham que, na prática, uma comissão dessas já existia. De fato, vários de seus integrantes (Adroaldo Moura, do Banco do Brasil, Carlos Eduardo Freitas e Pádua Seixas, do Banco Central, o embaixador Álvaro Alencar, na Fazenda, e o conselheiro Castro Neves, na Secretaria do SNI, além do Presidente do Banco Central, Francisco Gros) reuniam-se quase diariamente para administrar a crise da dívida.

"A vinda de Guerreiro não deve alterar muito esse quadro. Em primeiro lugar, ele vai ter até de se familiarizar com os aspectos técnicos do assunto", comenta, com alguma ironia, um dos homens de confiança do ministro Dilson Funaro.

Para a Fazenda, a divisão de atribuições está bastante clara, embora o decreto constituindo a comissão possa deixar margem para dúvidas. Caberia ao embaixador extraordinário principalmente os contatos com o comitê de bancos, tarefa normalmente reservada a Francisco Gros. Negociações com o presidente do Federal Reserve, Paul Volcker, ou com o secretário do Tesouro americano, James Baker, porém, permaneceriam na esfera exclusiva do ministro da Fazenda — "A não ser que ele determine ao Guerreiro expressamente alguma outra coisa, pois a palavra final é do ministro da Fazenda", explica um de seus assessores.

Outro aspecto que reforça a confiança do pessoal do ministro da Fazenda na manutenção de sua influência (e autonomia) na formulação da política de negociação da dívida externa é a nomeação do embaixador Álvaro Alencar para a Secretaria Executiva da comissão. Na prática, esse experiente diplomata, que ganhou muito destaque por sua atuação nas negociações com o Clube de Paris, coordena os trabalhos da comissão de negociação.

No Itamarati, quem conhece e trabalhou de perto com o ex-chanceler Saraiva Guerreiro alerta para o grave perigo de subestimá-lo. Por detrás de sua aparência bonachona e tranqüila, esconde-se uma personalidade fria e com extraordinária capacidade de cálculo. Alguns de seus antigos assessores diretos recordam a

maneira sutil, porém eficaz, com a qual o ex-chanceler enfrentou os poderosos ministros da área econômica durante o governo Figueiredo.

Numa dessas ocasiões, Guerreiro insistiu até quase o confronto com as teses do Itamarati sobre a inclusão ou não de serviços na pauta da Gatt, em reunião que iria realizar-se em Genebra, em 1982. Também na elaboração do Consenso de Cartagena, Guerreiro levou adiante um difícil trabalho de diplomacia interna para aumentar o papel do Itamarati nas negociações da dívida.

"O dado fundamental, porém", ressalva um diplomata, ex-integrante da equipe de Guerreiro, "é o fato de que não se pode negociar nada lá fora sem que se tenha um forte grau de controle sobre a economia interna. É necessário um casamento perfeito entre Guerreiro e o ministro da Fazenda. Ele não pode negociar lá fora sem saber o que é possível fazer aqui dentro. Da maneira como o conheço, sei que ele vai trabalhar com e não sob o ministro da Fazenda", disse o diplomata.

Além da capacidade de acomodação entre Funaro e Guerreiro, outra incógnita discutida ontem em Brasília é o preparo que o ex-chanceler traz para enfrentar banqueiros privados na mesa de negociação — reconhecidamente, gente diversa de diplomatas ou representantes de organizações multilaterais.